

## Reforma trabalhista pode elevar formalização e produtividade

*Por Ana Conceição*

A reforma trabalhista deve estimular maior formalização da população ocupada no país e, ao longo do tempo, contribuir para elevar a produtividade total dos fatores (PTF), segundo análise do economista Thiago Xavier, da Tendências Consultoria.

A PTF, eficiência com que capital e trabalho se transformam em produção, pode aumentar 0,8% entre 2018 e 2027, ante 0,4% no cenário sem reforma.

Segundo cálculos do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getulio Vargas (FGV), de 2014 a 2016 a PTF caiu 4,8%. Apenas em 2016, a queda foi de 1,9% e a expectativa é de que em 2017 tenha havido a pequena retração.

Em estudo sobre os efeitos da reforma, Xavier se concentra sobre a regulamentação do trabalho intermitente e do temporário, modalidades que, segundo o economista, ampliam as modalidades de contratação via CLT e, por esse motivo, têm potencial para reduzir o número de ações trabalhistas, embora, a princípio, a litigiosidade possa aumentar.

A queda na judicialização ao longo do tempo levaria a uma menor percepção de risco na contratação, o que serviria como incentivo à formalização, na visão de Xavier. "Reduz-se a possibilidade de custo futuro. E basta a percepção de custo maior ou menor para afetar o mercado [de trabalho]", diz.

Antes da reforma, o trabalho intermitente já existia, mas na informalidade em sua maioria, afirma Xavier. Isso seria demonstrado pelo grande número de trabalhadores sem carteira e por conta própria com jornadas menores que 40 horas semanais.

Dados do estudo com base na Pnad Contínua do segundo trimestre mostram que entre os trabalhadores sem carteira, 34,1% faziam jornada reduzida (até 39 horas por semana), contra 8,3% entre os com carteira.

"Esses números são consistentes com os estudos que apontam para as dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal em contratos com jornada reduzida", diz Xavier. 1

# INFORME

Assim, parte da população sem carteira com jornada reduzida (3,7 milhões) e por conta própria com jornada reduzida (8,3 milhões) pode passar por um processo de formalização.

Segundo estimativa da Tendências, considerando uma expansão do PIB de 3% ao ano entre 2018 e 2022, haveria aumento de 2,1% no número de trabalhadores ocupados, com uma expansão maior de trabalhadores formais que de informais, um cenário contrário ao que está ocorrendo neste momento de recuperação do mercado de trabalho, em que boa parte das vagas tem sido criada fora da CLT.

"No fundo, o que gera emprego é o crescimento. A reforma em si, não cria vagas, mas deve facilitar a inserção de pessoas no mercado, lembrando que aqueles que foram para a inatividade devem voltar a procurar emprego", diz.

Xavier ressalta que não se pode descartar que as empresas substituam empregados de tempo integral pela CLT por intermitentes ou temporários, o que reduziria os salários médios, já que menos horas seriam trabalhadas.

De outro lado, haveria uma redução do custo unitário do trabalho, já que a remuneração estaria vinculada apenas à hora trabalhada e não a uma jornada fixa.

Apesar dos possíveis efeitos sobre os salários médios, Xavier vê aspectos positivos. "Na crise atual, havia uma rigidez para renegociar salários o ajuste foi feito em cima das demissões. A ocupação caiu forte, mas os salários não.

A recessão expulsou muita gente do mercado de trabalho", afirma, lembrando que muitos foram para a inatividade por não encontrar uma ocupação.

Neste sentido, diz, a possibilidade de flexibilizar salários permitiria que as empresas se ajustassem ao ciclo econômico.

Para além da queda de custo, haveria também ganhos graduais na produtividade do trabalho, com impacto na produtividade total dos fatores como consequência da reforma e da terceirização, diz Xavier.

O crescimento de 0,8% ao ano previsto pela consultoria é similar o registrado entre 1994 e 1998, período em que a economia sentiu os efeitos estruturais do Plano Real, afirma o economista.

**(Fonte: Valor Econômico – 22/01/2018)**

# INFORME

## FOLHA DE S.PAULO

### Automação vai mudar a carreira de 16 milhões de brasileiros até 2030

**FERNANDA PERRIN DE SÃO PAULO**

A elite política e econômica global está preocupada com o futuro do trabalho.

Além das já conhecidas ameaças geopolíticas e ambientais, as transformações do mercado de trabalho também ganharam lugar de destaque na agenda do Fórum Econômico Mundial, que começa nesta terça-feira (23) em Davos, na Suíça.

Só no Brasil, 15,7 milhões de trabalhadores serão afetados pela automação até 2030, segundo estimativa da consultoria McKinsey.

Uma amostra recente foi o corte de 60 mil cargos públicos anunciado pelo governo Michel Temer este mês, boa parte em razão da obsolescência, como no caso de datilógrafos e digitadores.

No mundo, no período entre 2015 e 2020, o Fórum Econômico Mundial prevê a perda de 7,1 milhões de empregos, principalmente aqueles relacionados a funções administrativas e industriais.

A avaliação de especialistas da área é que o mercado de trabalho passa por uma grande reestruturação, semelhante à revolução industrial.

A diferença é que agora tudo acontece muito mais rápido: desde 2010, o número de robôs industriais cresce a uma taxa de 9% ao ano, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

No Brasil, cerca de 11.900 robôs industriais serão comercializados entre 2015 e 2020, segundo a Federação Internacional de Robótica.

A Roboris, que tem entre seus clientes a Embraer, é uma das fornecedoras que atuam no país. Segundo o presidente da empresa, Guilherme Souza, 30, o interesse da indústria brasileira pela automação vem crescendo.

# INFORME

Editoria de Arte/Folhapress

## RECURSO ESCASSO

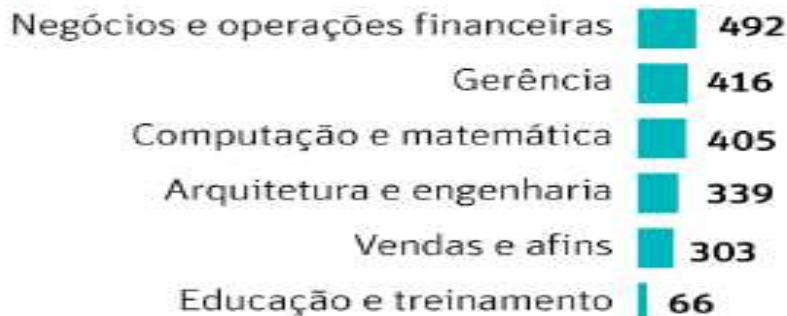
Estimativa é de perda de 7 milhões de vagas e abertura de 2 milhões até 2020

Saldo de empregos entre 2015 e 2020, em milhares

### ↓ Quem sai



### ↑ Quem entra



Fontes: Fórum Econômico Mundial, Organização Internacional do Trabalho e consultoria McKinsey

"Acredito que os custos falam por si só, são um fator bem convincente. Mas, mais do que os custos, as empresas perceberam que se não aderissem a essa tecnologia, elas não seriam mais competitivas", afirma.

No mundo, entre 400 milhões e 800 milhões serão afetados pela automação até 2030, a depender do ritmo de avanço tecnológico, segundo a McKinsey.

Isso equivale a algo entre 11% e 23% da população economicamente ativa global, calculada pela OIT em 3,5 bilhões de pessoas. Isso não significa que todos perderão o emprego, mas que serão impactados em algum grau, que vai de desemprego a ter um "cobot" (colega de trabalho robô com quem divide as funções).

# INFORME

## 'DE HUMANOS'

A mudança é positiva na medida em que libera profissionais de tarefas monótonas, que por sua vez podem ser feitas com maior rapidez e eficiência quando automatizadas. "A boa notícia é que fica claro que os trabalhos para humanos terão que envolver qualidades humanas, como criatividade", afirma José Manuel Salazar-Xirinachs, diretor regional da OIT para a América Latina e Caribe. "Isso soa muito legal, mas a questão é: quantos trabalhos para pessoas criativas serão gerados?", questiona.

O Fórum Econômico Mundial, por exemplo, projeta um aumento na demanda nas áreas de arquitetura, engenharia, computação e matemática, entre outras. Esse incremento de vagas, contudo, não será suficiente para absorver quem perdeu o trabalho em outros setores, além de exigirem alta qualificação, avalia a organização.

Editoria de Arte/Folhapress

### 162 milhões

de pessoas nos EUA e na União Europeia já exercem algum tipo de trabalho independente, como oferecer pequenos serviços via apps



#### Casuais

Escolhem esse tipo de trabalho como forma de complementar a renda

#### Agentes livres

Escolhem trabalhar dessa forma como sua principal fonte de renda

#### Emboscados

Atividades por necessidade de complementar a renda

#### Relutantes

Principal fonte de renda, mas gostariam de emprego tradicional

Fontes: Fórum Econômico Mundial, Organização Internacional do Trabalho e consultoria McKinsey

RECURSO ESCASSO Estimativa é de perda de 7 milhões de vagas e abertura de 2 milhões até 2020

# INFORME

## **DESIGUALDADE**

Nesse cenário de extinção grande de trabalhos que exigem pouca qualificação e criação de um número menor que exige muita, a tendência é de aumento da desigualdade, alerta a OIT.

O fim de funções hoje exercidas pela população de baixa e média renda vai gerar desemprego e pressionar para baixo o salário das que restarem, diante da massa de pessoas buscando trabalho.

Mesmo quem tem uma visão mais positiva sobre o futuro, como a McKinsey, sugere a criação de uma renda básica universal (principal bandeira do petista Eduardo Suplicy) como uma opção diante do enxugamento de vagas de menor qualificação.

Um sintoma já perceptível desse processo é a queda ou estagnação da renda fruto de salários e capital em dois terços dos lares das economias avançadas entre 2005 e 2014, maior retrocesso desde os anos 1970, diz a consultoria.

Um caminho para contornar o problema é treinar a força de trabalho para que aqueles de menor qualificação profissional não fiquem para trás, diz o diretor da OIT. "Os novos empregos que estão sendo criados demandam habilidades matemáticas, analíticas e digitais. Isso significa que é preciso treino vocacional", afirma. Ele cita como exemplo o Senai, cuja proposta é preparar mão de obra técnica para a indústria.

Estudo na Unicef divulgado em dezembro alerta para o risco da tecnologia digital transformar-se em um novo motor de desigualdade. Embora 1 em cada 3 usuários da internet seja uma criança, há ainda 346 milhões de jovens sem acesso ao mundo digital.

"Há uma forte preocupação com os trabalhadores de menor qualificação, em termos do impacto da tecnologia. Essas pessoas não são realmente alfabetizadas digitais, e não terão oportunidade para aprender habilidades específicas. Eles serão deixados para trás e terão uma empregabilidade muito pequena", diz Salazar, da OIT.

A velocidade com que as mudanças ocorrem demanda mudanças também na educação dos mais velhos, diante do prolongamento da vida profissional, na esteira do aumento da longevidade. A automação não é o único motivo de preocupação. A emergência de novas relações profissionais fora do contrato tradicional é outro fator desestabilizador. Um novo grupo de pessoas cresce à margem dos direitos trabalhistas, classificados ora como "trabalhadores independentes", ora como "invisíveis" ou simplesmente "informais".

# INFORME

## Flexibilidade no ambiente de trabalho ameaça topo da pirâmide

**FERNANDA PERRIN DE SÃO PAULO**

Embora a automação seja um tópico pop, ela não é a principal tendência moldando o mercado de trabalho atualmente, segundo pesquisa feita pelo Fórum Econômico Mundial com diretores das áreas de recursos humanos em empresas de 15 países. Para 44% dos entrevistados, o maior impacto no mercado hoje vem das mudanças no ambiente de trabalho, como "home office", e nos arranjos flexíveis, como contratação de pessoas físicas para trabalhar por projeto (a chamada "pejotização"). O percentual é semelhante entre os brasileiros (42%).

Outra forma emergente de trabalho são os relacionados à "gig economy", como plataformas on-line e aplicativos -programadores freelance e motoristas de Uber entram nessa categoria. A tendência é que as empresas reduzam ao máximo o número de empregados fixos dentro do contrato tradicional, terceirizando para consultores o que for possível como forma de redução de custos e ganho de eficiência, segundo o Fórum Econômico Mundial. Assim, embora a tecnologia gere uma demanda por novas atividades altamente qualificadas, como programação de um aplicativo, a probabilidade é que as empresas terceirizem a função, em vez de contratar diretamente esse profissional.

Gerenciamento de mídias sociais é um exemplo de função repassada a consultores, pagos por tarefa. Essa ausência do reconhecimento de uma relação de emprego faz a OIT classificar esse tipo de trabalho como "invisível". Ainda não está claro se elas serão regulamentadas ou se cairão no trabalho informal, de acordo com a OIT. Já nos Estados Unidos e na Europa ganha força a classificação da categoria como "trabalhadores independentes", calculada em 162 milhões de pessoas pela consultoria McKinsey.

A reforma trabalhista feita no Brasil no fim de 2017 tentou abarcar em parte essas mudanças, ao regulamentar o "home office", por exemplo. Polêmicas, como a situação dos motoristas de Uber, contudo, persistem.

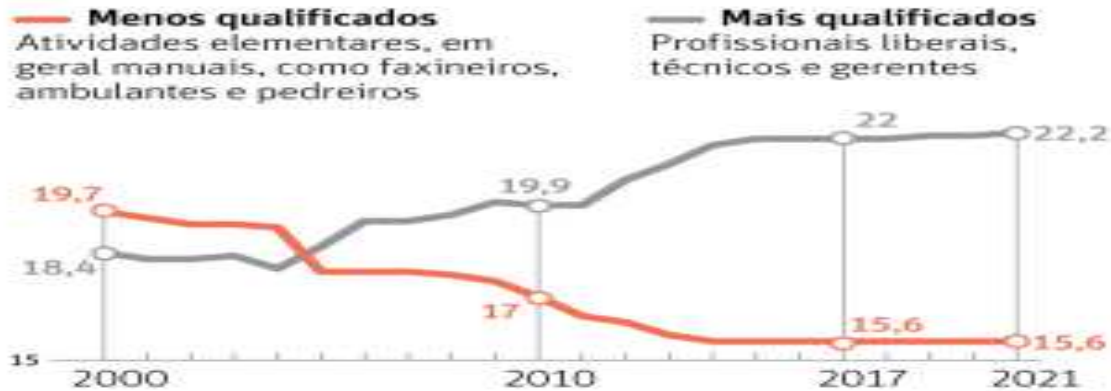
### **O NOVO E O VELHO**

Um desafio extra para o Brasil é que ele precisa começar a lidar com essas questões novas ao mesmo tempo em que ainda não resolveu problemas antigos, como o alto índice de informalidade, que voltou a subir durante a crise e hoje atinge 44,6% dos trabalhadores, segundo o IBGE. É preciso estender a cobertura da legislação ao "velho" e ao "novo" mercado, diz José Manuel Salazar Xirinachs, diretor regional da OIT para a América Latina e Caribe. "O objetivo não é proteger o emprego em si, mas sim garantir os direitos trabalhistas clássicos mesmo que haja mais flexibilidade", diz.

# INFORME

Editoria de Arte/Folhapress

## DISTRIBUIÇÃO DO EMPREGO NO BRASIL Por tipo de trabalho, em %



No Brasil, a tendência de redução das vagas de menor qualificação e aumento das que exigem mais já ocorre e deve se intensificar

**6 em cada 10**  
trabalhos podem ter mais de 30% de suas atividades automatizadas atualmente

**400 mi a 800 mi**  
de pessoas podem ser afetadas pela automação no mundo inteiro até 2030

**15,7 milhões**  
são brasileiros

> Essas mudanças tendem a aumentar a flexibilidade do mercado, com crescimento do trabalho autônomo ou independente

Fontes: Fórum Econômico Mundial, Organização Internacional do Trabalho e consultoria McKinsey

Para o sociólogo Ruy Braga, professor da USP e autor dos livros "A Rebelião do Precariado" (2017) e "A Política do Precariado" (2012), as novas formas de trabalho que surgem mascaram o avanço do velho subemprego.

Para ele, a reforma trabalhista, ao formalizar atividades de tempo parcial ou de curta duração, oficializa essa desestruturação do mercado. "Do ponto de vista microeconômico, é bastante racional que você elimine cargos intermediários. Mas, do ponto de vista social, a coisa se complica, porque você vai ter menos empregos de qualidade e de maior renda. Consequentemente, uma sociedade mais polarizada, o que significa mais desigual e com dificuldades de se integrar", avalia.

(Fonte: Folha de SP – 22/01/2018)